

AS TRANSFORMAÇÕES NO MANEJO DO FOGO ENTRE OS KAIOWÁ: DO FOGO CONTROLADO AOS INCÊNDIOS COLOSSAIS ¹

Levi Marques Pereira ²

“O fogo limpa, e o Kaiowá gosta de viver no limpo”.
Augusto, líder kaiowá da reserva de Pirakuá.

RESUMO: O artigo discute o manejo do fogo realizado pelos Kaiowá na confecção de suas roças tradicionais de “coivara” e as implicações deste manejo nas condições ambientais atuais, quando as roças são feitas nos espaços ocupados por suas reservas e aldeias. O uso do fogo é por eles considerado como uma importante técnica, praticada desde tempos imemoriais com o objetivo de livrar o solo da vegetação nativa e deixá-lo pronto para o plantio. Parece ser completamente estranha a idéia de o fogo ser prejudicial à natureza, provocando a destruição da matéria orgânica e acelerando o empobrecimento do solo com a rápida perda de nutrientes essenciais ao desenvolvimento das culturas, que se volatilizam durante a queimada. Entretanto, a inexistência atual de áreas de floresta nos espaços por eles ocupados impõe problemas para essa prática, obrigando a reformulação de concepções com forte enraizamento cultural.

Palavras chaves: índios Kaiowá; manejo do fogo; sociedade e ambiente.

¹ O presente artigo discute dados da tese de doutorado (Pereira 2004) e inclui material oriundo de projeto de pesquisa que conta apoio da FUNDECT.

² Antropólogo, professor na UFGD.

O fogo é visto como uma técnica profilática que esteriliza o solo, conforme frase utilizada como epígrafe ao presente tópico: “o fogo limpa e o Kaiowá gosta de viver no limpo”. Assim, não só a vegetação do local da futura roça deve ser queimada, mas também o espaço destinado à construção da casa e do pátio. Com certeza porque o fogo afugenta as cobras, e o solo sem vegetação acumulada elimina o esconderijo de animais e insetos nocivos ao convívio humano (mosquitos, ratos, baratas, etc.).

O uso do fogo funcionava muito bem no sistema de manejo tradicional, quando os Kaiowá dispunham sempre de novas áreas de floresta para roçados enquanto a antiga roça –*kokue kue*³ –, tornada pouco produtiva pelo desgaste do solo ou, mais provavelmente, pela invasão de plantas daninhas, era abandonada para a lenta regeneração da floresta. Durante alguns anos, a antiga roça continuava sendo visitada por expedições de coleta, para recolher produtos de plantas perenes ou semiperenes, como banana, batata, fumo, urucum, mamão e outras espécies de frutas.

O uso do fogo enquanto técnica para limpar e preparar o solo é associado ao trabalho masculino de roçar e queimar – *okopi* e *ohapi (okaipa)* –, que envolvem o trabalho de preparação da nova roça. Estas atividades antecedem o plantio – *oñoty* –, trabalho no qual geralmente as mulheres têm uma participação efetiva e, no caso de certas espécies, exclusiva, pois só elas devem semear. Essas atividades seguem, portanto, o eixo da divisão sexual do trabalho.

O observador externo visualiza facilmente que atualmente o fogo se tornou um sério problema ambiental. Entretanto, é necessário registrar que esta não parece ser necessariamente a compreensão da maioria dos Kaiowá, pois, como veremos, eles atribuem outras causas ao fenômeno do descontrole do fogo. Para o observador externo, a principal causa da expansão e o descontrole do fogo é a infestação de gramíneas altamente resistentes, como o colônio e a baquearia, plantas desconhecidas na região até serem introduzidas pelos criadores de gado há poucas décadas. Essas gramíneas produzem uma enorme quantidade de massa verde que, no caso das áreas indígenas, não é consumida pelo gado. A massa verde de capim se acumula, formando um colchão

³ O antropólogo Bartomeu Meliá, maior referência para os estudos sobre os Kaiowá, esteve como avaliador na banca de defesa de minha tese de doutorado e comentou na ocasião que o termo *kokue kue* seria uma espécie de pleonasma, pois “*ko*” significaria roça, e “*kokue*” já seria roça antiga, abandonada. O uso do termo *kokue* pelos Kaiowá atuais para se referir a roça que estão efetivamente cultivando poderia, segundo Meliá, ser um indicativo da degradação ambiental do espaço em que vivem, pois eles estariam fazendo suas roças em locais já utilizados e que não passaram pelo período de repouso, que requer vários anos até a regeneração da vegetação nativa e recomposição dos nutrientes do solo.

sobre o solo. Com a estiagem que acontece na região no final do inverno (agosto-setembro), esta vegetação fica completamente seca, e o fogo encontra um enorme depósito de combustível, podendo atingir proporções incontroláveis. É comum acontecerem incêndios colossais que chegam a queimar toda a reserva, não poupando nem mesmo casas e plantações.

As gramíneas margeiam as áreas de mata e invadem totalmente as capoeiras. Os Kaiowá definem como capoeiras as antigas áreas de cultivo que estão em processo de regeneração pela recomposição da floresta. Nessas áreas, as árvores maiores e de ciclo de vida mais longo estão crescendo, sobreando e asfixiando gradativamente a vegetação rasteira ou de ciclo de vida mais curto, que cobre o solo no período imediatamente posterior ao abandono da roça. Quando a vegetação rasteira foi eliminada, a área é considerada “boa” para a realização de novo plantio. Pode-se então realizar a derrubada das árvores, que, muitas vezes, ainda não têm uma grande espessura, a queima e o novo plantio. Acontece que a introdução das gramíneas na região, aliada à constante presença do fogo, quebrou esse ciclo regenerativo, introduzindo um grave problema ambiental. Isto é agravado pela grande pressão sobre o uso de recursos escassos por uma população cada vez maior, dentro do pouco espaço territorial das oito reservas indígenas demarcadas pelo Serviço de Proteção ao Índio – SPI, até a década de 1930 e das aldeias demarcadas a partir do final da década de 1980.

Quando o fogo atinge as áreas de capoeira, queima as gramíneas que aí rapidamente se instalaram⁴ e também a brotação da vegetação nativa, que requer um período mais longo de regeneração quando comparado ao das gramíneas. Resulta daí, que uma área derrubada para realização de roça de coivara, dificilmente consegue se transformar em capoeira, sendo mais comum o predomínio gradativo das gramíneas.

Outro problema é o efeito borda. As áreas de mata e capoeira vão aos poucos sendo estranguladas pelo fogo, que, a cada ano, segundo as observações dos índios, avança cerca de 10 a 40 metros pela mata ou capoeira, dependendo da quantidade de massa seca encontrada no período do incêndio⁵. A área de mata queimada será reinfestada com maior intensidade por gramíneas, que, no ano seguinte, provocarão

⁴ Estas gramíneas possuem um alto poder de regeneração por perfilhamento e sementação.

⁵ Informações coletadas em Pirakuá, onde os Kaiowá dispõem de uma linda mata, atingida quase anualmente pelo fogo.

incêndios de maiores proporções. Dessa forma, a mata vai diminuindo pela ação recorrente do fogo e pela propagação das gramíneas, independentemente de serem derrubadas para o plantio de lavouras. As gramíneas, na maior parte de origem africana, produzem uma quantidade imensa de sementes, dispersas pelo vento e por pássaros, rapidamente se expandindo sobre as áreas sem cobertura vegetal. Como as gramíneas possuem um sistema radicular muito desenvolvido (em forma de cabeleira), impedem a regeneração das plantas nativas. A cada novo inverno, o fogo encontra mais combustível para continuar seu avanço sobre a capoeira e a floresta.

Anos seguidos de fogo nas áreas infestadas por gramíneas resultam em solos pobres e compactos, em que é impossível a produção agrícola sem correção do solo, com calcário e adubos. Isto já ocorre na maioria das reservas demarcadas, mesmo em espaços que nunca foram cultivados, mas onde os nutrientes foram destruídos pelos incêndios que se repetem a cada ano. Encontra-se nesta situação a maior parte das terras de reservas como Dourados, Amambaí, Caarapó, Porto Lindo, Sessoró, entre outras.

O descontrole do fogo associado à invasão das gramíneas tornou impraticável a agricultura tradicional kaiowá. Além de esta combinação empobrecer o solo, as gramíneas produzem um volume muito grande de sementes, que infestam as roças, ampliando as exigências de repetidas capinas para a retirada destas plantas invasoras, que germinam e se desenvolvem numa velocidade incrível. Poucas semanas sem os cuidados de limpeza são suficientes para a roça ficar completamente tomada pelas gramíneas, comprometendo o desenvolvimento da lavoura. Os Kaiowá afirmam que “o colônio e a braquearia não dão folga, é necessário brigar sempre com eles”. A luta contra essas gramíneas parece estar fadada ao fracasso dentro das técnicas de manejo tradicionais, que eram satisfatoriamente adaptadas às condições de cultivo em áreas de florestas, nas quais os Kaiowá por séculos faziam suas roças antes da introdução das gramíneas.

O manejo do fogo pelos Kaiowá procura seguir o modelo tradicional, refratário às constantes sugestões de abandono de seu uso propostas pelos agentes responsáveis pelos programas agrícolas. Isto gera um certo constrangimento nas relações dos índios com técnicos agrícolas, agrônomos, ecólogos e mesmo

antropólogos⁶. A dificuldade mútua de compreensão entre os Kaiowá e os agentes indigenistas em relação ao uso e manejo do fogo parece derivar do fato de expressarem representações e atitudes com importantes divergências de base. Essas divergências de base às quais me refiro são importantes porque se originam das premissas que estruturam o pensamento, informando os sentidos mais profundos atribuídos à conduta e à ação humana.

Um dos aspectos a serem detalhados no presente artigo é que a forma como os Kaiowá encaram os problemas enfrentados com o uso do fogo na atual condição de reserva, é bastante reveladora do holismo característico de suas formas de pensamento. Os Kaiowá reconhecem no descontrole do fogo um perigo constante nos períodos de seca, pois ele deixa de ser uma técnica de manejo e passa a ser um risco permanente. Entretanto, o fogo não é pensado como um problema ambiental isolado que possa ser solucionado de um ponto de vista prático, reflete, antes, uma espécie de desalinhamento nas forças cósmicas responsáveis pelo equilíbrio da terra.

Assim, os Kaiowá entendem que o descontrole do fogo está intrinsecamente relacionado às transformações no campo das práticas religiosas. É por viverem de maneira incorreta que o fogo não pode ser controlado. O xamã Tinga'u explicou que:

“antes o Kaiowá antigo quando vai fazer roça, primeiro reza para escolher o local para fazer a derrubada, depois de roçar o mato é preciso proferir uma reza especial, destinada a controlar o fogo. A reza é feita nos quatro cantos da roça. Aí o fogo respeita, só queima até o lugar que você rezou e não invade e destrói o mato”.

A escolha dos locais onde se realiza a reza antes do início da queimada segue a geometria dos paus cruzados, de acordo com os fundamentos de sustentação e equilíbrio da terra. O fogo é considerado um elemento perigoso e, segundo a profecia, pertence a

⁶ Durante os anos de 1982-84, trabalhei como técnico agrícola em um projeto de incremento à produção coordenado por um agrônomo com o qual os Kaiowá tinham muita familiaridade e liberdade para expressarem livremente suas opiniões, embora ele pouco as levasse em conta. Era comum um dos líderes contestar as sugestões do agrônomo quanto às técnicas de cultivo apropriadas para garantir uma boa produtividade, dizendo “mas não é assim, você não entende”. Na época, eu mesmo me envolvi em muitas dessas querelas, nas quais o bom senso sempre fazia prevalecer a vontade indígena sobre o nosso saber técnico, até porque ficava claro que sem a adesão dos índios o projeto estaria fadado ao fracasso.

uma divindade que dispõe dele para destruir a terra, fenômeno já conhecido nos relatos míticos, quando a terra foi destruída por um incêndio colossal, ocorrido no tempo dos antepassados, podendo ocorrer novamente caso certos procedimentos xamânicos sejam desconsiderados. Neste sentido, exige uma série de precauções rituais para sua manipulação não provocar o início do cataclismo.

Os Kaiowá afirmam que no período anterior à destruição ambiental, à perda da terra e à introdução das gramíneas, conseguiam boa produtividade agrícola, dentro de seus moldes tradicionais de cultivo. Reconhecem a mudança ocorrida com a introdução das gramíneas, fator de expansão e descontrole do fogo; sabem ainda que a queima da massa vegetal seca produzida pelas gramíneas resulta em um tipo de incêndio totalmente diferente da queima tradicional de uma área de mata previamente roçada, mas não consideram estes fatos como suficientes para explicar a difícil situação ambiental resultante em suas reservas. A infestação de gramíneas é agravada pelo confinamento, pois não se dispõe de áreas de matas disponíveis para a realização de novas roças, obrigando-os a preparar as roças nas áreas já ocupadas pelas gramíneas, resultando em baixa produtividade agrícola, miséria e fome. Como mais uma conseqüência, aos poucos as gramíneas eliminam a diversidade vegetal, provocando o desaparecimento de muitas espécies nativas utilizadas como alimentos, remédios, cosméticos ou para finalidades rituais.

A proliferação de gramíneas representa assim um duro golpe para a agricultura kaiowá, baseada na queima da vegetação nas áreas destinadas ao plantio, técnica generalizada entre as populações indígenas das regiões de floresta tropical. A limitação representada pela proliferação de plantas invasoras na agricultura indígena já alimentou muita polêmica na antropologia em décadas passadas. Para Carneiro [1961: 57], a rotatividade nas áreas cultivadas imposta pela necessidade de abandono das roças que ainda estão produzindo seria explicada menos pelo esgotamento dos solos do que pela invasão de plantas daninhas, cuja extirpação impõe uma sobrecarga de trabalho, sendo menos dispendioso abandonar a roça após um curto período de cultivo e derrubar novas áreas de mato, que produzem com menos cuidados com a limpeza. Descola [1988: 254-255] retoma as conclusões de Carneiro e diz que as afirmações do autor se baseiam em estudos “efetuados em diferentes regiões do mundo tropical: sobretudo em Fidji (Cassidy e Pahalad, 1953: 84), e em Yucatán (Morley, 1965: 135-136) – que por sua vez incorporou informações oriundas do trabalho de (Hester, 1953)”. Descola destaca

então que a afirmação de Carneiro é, pois, “inteiramente deduzida a partir de análises conduzidas fora da bacia amazônica” (Descola, 1988: 254-255). Assim, segundo Descola, esta seria uma limitação a ser considerada nas conclusões de Carneiro.

O argumento de que os estudos que servem como referência às conclusões de Carneiro foram realizados fora da bacia amazônica é fundamental para a análise que Descola [1988] procura realizar. O autor pretende demonstrar a inadequação do modelo explicativo proposto por Carneiro e outros autores, que não apresentam nenhuma análise que leve em consideração as especificidades de solos e clima, nem contemplam a maneira como a estrutura social e os princípios cosmológicos dos povos com os quais trabalham interferem no tipo de relação que estabelecem com o espaço. São justamente essas especificidades que ele pretende contemplar em sua análise da formação social aachuar.

Discutindo esta polêmica a partir dos dados de sua pesquisa de campo, Descola conclui que:

“em definitivo, está agora correntemente admitido pelos pedólogos especialistas em solos tropicais que se a causa do abandono das lavouras que possuem solos com altas doses de bases é o problema da proliferação de adventícias, ao contrário nos solos com baixas doses de bases é a fertilidade a causa maior de abandono (veja-se em particular Sanchez, 1976: 405)” (Descola, 1988: 255).

Assim, o autor adota uma terceira posição na polêmica sobre se a infestação de ervas daninhas seria ou não um fator limitante à produção, impondo a rotatividade dos solos, já que isto dependeria das qualidades dos solos em termos de bases. A questão da baixa fertilidade não poderia ser pensada como um fator explicativo geral para a compreensão da agricultura nas formações sociais radicadas na região tropical, pois esta apresenta diferenciações internas em termos de solo, de maneira que a análise deve contemplar e situar caso a caso.

Esta constatação parece ser importante para a discussão da distinção entre solos de várzea e de terra seca (interfluvial) na região Amazônica. No caso kaiowá, antes da invasão de seu território só as áreas de mata com boa fertilidade eram destinadas ao cultivo agrícola. Hoje este critério não pode ser observado em muitos casos em que a falta de terras impõe o cultivo de solos pobres de cerrado ou de campo cerrado, como no caso da reserva de Limão Verde. Os Kaiowá têm plena consciência da

pequena produtividade nos solos de baixa fertilidade, principalmente a partir do segundo plantio, e que as lavouras nesse tipo de solo resistem menos aos períodos de escassez de chuva que ocorrem eventualmente, sendo mais freqüentes nos meses de janeiro e fevereiro (veranico).

O problema enfrentado pelos Kaiowá para cultivar suas roças em meio às gramíneas nos remete diretamente à questão do manejo das plantas invasoras, que parece ter sido sempre, em maior ou menor grau, um problema para o cultivo em áreas tropicais. Nesse tipo de clima, o calor e a umidade favorecem o excepcional crescimento vegetativo das plantas, que brotam em grande quantidade e diversidade. Considerando essa polêmica com base nos dados da cosmologia kaiowá, pode-se considerar que nas condições atuais ela atinge dimensões antes incomensuráveis, impondo uma distância ainda maior entre o tipo de roça cultivada pelos humanos e as roças dos deuses. Os xamãs e os relatos míticos informam que os deuses nunca necessitam limpar suas roças, apenas semeiam, rezam e no dia seguinte retornam para colher os frutos. A diminuição na produtividade das roças humanas, provocada pela infestação de gramíneas, encontra seu correlato direto no distanciamento em relação ao modo correto de se viver – *teko katu* –, inspirado no comportamento dos deuses. Este tema será retomado no próximo capítulo.

Denevan [1970: 80], no estudo que realiza sobre as potencialidades agrícolas para a região do Alto Amazonas, também concorda com os pressupostos de Carneiro [1961]. Posteriormente, esta idéia foi se firmando em etnografias como as realizadas por Ross [1976: 177] sobre os Achuar do Peru. Roosevelt [1980: 24-39], na mesma linha que será desenvolvida por Descola, questiona os dados de Carneiro [1961] porque sua análise se baseia em regiões que, embora sejam tropicais, apresentam solos com características geomorfológicas e pedológicas distintas dos solos amazônicos.

À primeira vista, a fertilidade do solo passou a ser um fator limitante para a produtividade agrícola dos Kaiowá só a partir da invasão das gramíneas. Estas plantas encontram nos solos do território por eles ocupado condições mais favoráveis ao seu desenvolvimento e proliferação do que nas condições de clima e solo de origem⁷. A

⁷ Experiências de traslado de espécies vegetais e animais de um espaço para outro têm se revelado muitas vezes desastrosas para as espécies nativas, como mostram os estudos de ecologia.

velocidade e voracidade com que estas plantas conquistam a cada ano novos espaços espantam os Kaiowá, como se expressou Marco Veron (em janeiro de 2000), capitão da aldeia de Taquara:

“esse capim e esta braquearia que o fazendeiro plantou na nossa terra e que para ele é uma riqueza, para nós é uma praga, é a pior praga, a riqueza para nós é o mato que não existe mais porque ele derrubou”.

Os principais fatores de limitação da produção agrícola atual são: a introdução das gramíneas na região; o descontrole do fogo; o empobrecimento dos solos; o confinamento em pequenas áreas de terra e o aumento da pressão sobre os recursos disponíveis. Esses fatores se constituem em alavancas de desestruturação da agricultura kaiowá, causando também sérios distúrbios na organização social. A proliferação das gramíneas e o descontrole do fogo implicaram em transformações profundas no espaço geográfico, cujas características anteriores a esta introdução permitiam a produção das condições necessárias à prática da agricultura kaiowá. O confinamento, por seu lado, impôs um novo padrão demográfico, com áreas superpovoadas para os padrões tradicionais, além de reunir parentelas sem os vínculos de parentesco e aliança política característicos destas redes de alianças mais amplas, como chamamos a atenção em diversas partes deste trabalho. Os problemas são de tal vulto que desafiam a capacidade de ação política das lideranças indígenas e de proposição de soluções por parte dos agentes indigenistas que atuam junto às comunidades. Um consenso é que qualquer proposição só se tornará viável se levar em consideração a demarcação de novas terras, de acordo com as reivindicações indígenas.

Têm surtido pouco efeito até o momento as tentativas de recomposição ambiental nas áreas kaiowá. Isto porque eles demonstram pouco interesse pelo acompanhamento da regeneração da floresta, além de que existe uma forte pressão demográfica sobre as áreas. Segundo entendem, a recomposição ambiental dá-se através de um processo demorado, não requerendo a interferência humana, pois lentamente a vegetação vai se tornando mais espessa até a mata retomar sua forma original⁸, de

⁸ A questão é de apropriação implicando diretamente em relação com um *jara*. A terra cultivada não pertence ao agricultor, ele apenas pede permissão ao *ka'aguy jara* para derrubar essa porção da mata e cultivar a lavoura para seu sustento. Quando ele abandona o cultivo a área 'naturalmente' volta a ser apropriada pelo *jara*, que nela retoma o cultivar de sua lavoura – a floresta.

acordo com os propósitos da divindade responsável pelo seu desenvolvimento – *ka'aguy jara*⁹. Entretanto, reconhecem que nas condições atuais a floresta está acabando, e na maioria das áreas demarcadas é impossível encontrar mata para fazer roças ou mesmo lenha para o fogo, imprescindível para o preparo das refeições e o aquecimento das residências no período do inverno. Atribuem a responsabilidade pela destruição da mata aos brancos que invadiram seu território, sendo comum ouvir a afirmação já mencionada anteriormente: “*karai ho'upa ore ka'aguype* – os brancos devoraram todo nosso mato”.

Os Kaiowá mais ligados às práticas religiosas ditas tradicionais não reconhecem vínculos causais entre a extinção das matas e outros fenômenos como o desmatamento em grande escala, a introdução de gramíneas, o desaparecimento dos animais e o descontrole do fogo. Antes, elegem como fator explicativo suficiente a imposição do modo de vida do branco – *karai reko* – e o abandono por parte dos Kaiowá do modo característico de ser – *ava reko*. Não faz sentido abordar nenhum dos fenômenos acima apontados sem considerar a dependência direta em relação aos dois modos de vida.

Retomando o tema do fogo, os relatos míticos apresentam as lavouras dos deuses sempre em roçados novos, não há notícias de replantio de roças. Todo ano os deuses estendem um fio por eles tecido, circundando a área a ser cultivada, tomam as duas pontas do fio e as puxam, derrubando de uma só vez toda a mata do interior do círculo. Derrubam a mata, ateam fogo, e em seguida realizam o plantio com o auxílio das mulheres. A colheita é feita em seguida, pois as plantas crescem rapidamente. Fica sempre evidente o uso do fogo e o cultivo a cada ano de novos roçados. Enfim, não há cultivo sem fogo, e a prática dos homens de replantar suas roças reflete as condições imperfeitas de sua existência atual.

Abandonar o uso do fogo como recurso para a preparação da terra representa um duro golpe para agricultura Kaiowá. Roça sem fogo é roça incompleta e a convicção

⁹ No âmbito mais geral de sua cosmologia, a recomposição ambiental dependerá da recomposição das relações da população kaiowá com suas divindades, o que só pode ser feito a partir da retomada das rezas e não a partir da proposição do ‘branco’, já que são os responsáveis diretos pelos problemas que enfrentam, cuja solução depende, segundo afirmam, “do afastamento dos brancos”.

em sua incompletude parece se reforçar na baixa produtividade das roças atuais. O abandono da técnica e a incorporação de novas formas de produção requer um longo processo de discussão com as comunidades e a demonstração da viabilidade de outras formas de cultivar a terra.

Bibliografia

- ANDERSON B. Anthony, POSEY, Darrell A. 1990. O reflorestamento indígena. **In:** BOLOGNA, Gianfranco (org). *Amazônia, adeus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BALÉE, William. 1993. Biodiversidade e os índios amazônicos. **In:** CARNEIRO DA CUNHA, Manuela & VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. (organizadores) – *Amazônia – Etnologia e História Indígena*. NHII/USP: FAPESP: São Paulo.
- BINDA, N. H. 2001. *Representações do ambiente e territorialidade entre os Zo'e/PA*. Dissertação de mestrado, apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 1988. Pontos de vista sobre a floresta amazônica: xamanismo e tradução. **In:** *Mana* 4 (1): 7-22. Rio de Janeiro. UFRJ - Museu Nacional.
- CARNEIRO, Robert. 1960. Slash and burn agriculture: a closer look at its implications for settlement patterns. **In:** *Men and cultures*, A.F.C. Wallace (Ed.). Selected Papers of 5th Intl. Anth. And Ethn. Sciences.
- CARVALHO, Edgard Assis (org.). 1978. *Antropologia econômica*. São Paulo. Livraria Editora Ciências Humanas LTDA.
- CHAMORRO, Graciela. 1996. *Papa Tapia Rete Marangatu*. Tese de doutoramento em teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação - IEPG, S. Leopoldo.
- CHAUMEIL J-P. 1985 *Le Discours de la "Maladie Soufflée" Comme Marqueur de Distnaciacion Sociále et Spatiale Chez les Yagua de L'Amazonie Péruvienne* – Bull. D'Ethnomédecine, vol..34 (3-21).
- DENEVAN, W. M. 1970. Aboriginal Drained-Field Cultivation in the Americas. *Science* 169 (3946): 647-654.
- DESCOLA, Philippe. 1998. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. **In:** *MANA* 4 (1):23-45. Rio de Janeiro. PPGAS.
- DESCOLA, Philippe. 1990. Limites ecológicos e sociais do desenvolvimento da Amazônia. **In:** BOLOGNA, Gianfranco (org). *Amazônia, adeus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- DESCOLA, PHILIPPE. 1988. *La selva culta: simbolismo y praxis en la ecología de los Achuar*. México: Ediciones ABYA-YALA - (IFEA) Instituto Francés de Estudios Andinos.
- DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. 1995. *Ecologia humana e planejamento em áreas costeiras*. Campinas: UNICAMP.
- GALLOIS, Dominique Tilkin. 1988. *O movimento na cosmologia Waiãpi: criação, expansão e transformação do universo*. Tese de doutorado em Antropologia Social. FFLCH/USP: São Paulo.
- GALVÃO Eduardo. 1963. Elementos básicos da horticultura de subsistência indígena. **In:** *Revista do Museu Paulista*, n. s., vol.XIV. São Paulo.
- GOW, Peter. 1989. The perverse child: desire in a native Amazonian subsistence economy. *Man*. Vol. 24(4):567-582.

- GROSS, D. R. 1975: Protein Capture and Cultural Development in the Amazon Basin. *American Anthropologist*, 77 (3): 526-549.
- GRENAND, Pierre & GRENAND, Françoise. 1996. Current issues in non-timber forest products research. CIFOR-ODA: Bogor, Indonesia (177-196).
- GRENAND, P. 1980. *Introduction à l'Étude de l'Univers Wayãpi: Ethno-Écologie des Indiens du Haut-Oyapock (Guyane Française)*. Paris: SELAF/CNRS.
- GUATTARI, Félix. 1999. *As três Ecologias*. Campinas: Papirus.
- JARA, F. 1991. *El Camino del Kumú: Ecología y Ritual entre los Akurió de Surinam*. Utrecht: ISOR.
- LEA, Vanessa . Multiple paternity amongst the bengokre (Kayapó, Jê) of Central. In: Stephen Beckerman; Paul Valentine. (Org.). *Cultures of Multiple Fathers: the theory and practice of partible paternity in Lowland South America*. 1 ed. Gainesville: editora da Universidade de Florida, 2002, v. , p. 105-122.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. 1979. Campinas, SP: Papirus.
- MEGGERS, B. 1977. *Amazônia: a ilusão de um Paraíso*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- MELIÁ, Bartomeu. 1982. "Economia e Profecia". *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP.
- MELIÁ, B., GRÜNBERG, G., GRÜNBERG, F. 1976. *Etnografía Guaraní del Paraguay Contemporáneo: Los Pai-Tavyterã. Seplemento Antropológico*. Assunción: Centro de Estudios Antropológicos de La Univerdad Católica.
- MORAN, Emílio F. 1994. *Adaptabilidade Humana: uma introdução à antropologia ecológica*. São Paulo: Edusp.
- OVERING, Joanna Kaplan. 1975. *The Piaroa: A people of the Orinoco Basin*. Oxford, Clarendon Press.
- PEREIRA, Levi M. 2004. *Imagens Kaiowá do Sistema Social e seu Entorno*. Tese de doutorado em Antropologia (etnologia). Universidade de São Paulo – USP.
- PEREIRA, Levi M. 2003 d. O movimento étnico-social pela demarcação de terras guarani em MS. In: *Tellus/Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas*. NEPI, ano 3, n. 4, Campo Grande –MS: UCDB.
- REICHEL-DOLMATOFF, G. 1976. *Amazonian Cosmos. The Sexual and Religious Symbolism of the Tukano Indians*. Chicago: The University of Chicago Press.
- RENARD-CASEVITZ, F. M. 1991. *Le Banquet Masqué. Une Mythologie de l'Étranger chez les Indiens Matsiguenga*. Paris: Lierre & Coudrier.
- RIVIÈRE, Peter. [1984] 2001. *O Indivíduo e a Sociedade na Guiana: Um Estudo Comparativo sobre a Organização Social Ameríndia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- RIBEIRO, Darcy (Editor). 1986. "Etnobiologia". *Suma Etnológica Brasileira*. Petrópolis: Vozes.
- ROOSEVELT, A . 1980. *Parmana. Prehistoric Maize and Manioc Subsistence along the Amazon and Orinoco*.: Academic Press. New York.
- ROSS, Eric.1976. *The Acuará Jivaro: Cultural Adaptation in the Upper Amazon*. Doctoral Dissertation. Xerox University Microfilms. Columbia University. Ann Arbor (Michigan).
- SAHLINS, Marshall. 1979. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- SCHADEN, E. 1974. *Aspectos Fundamentais da Cultura Guaraní*. (10 ed. 1954) 30. ed. São Paulo: EPU/EDUSP.
- SILVA, Márcio F. 1993. *Romance de primas e primos: etnografia do parentesco waimiri-atroari*. Museu Nacional -UFRJ. Tese de

doutorado.

- STEWART, Julian. (ed.). 1939-1946. *Handbook of South American Indians*. Washington, Bureau of American Ethnology, Smithsonian Institution, 7 vols.
- STRATHERN, Marilyn. 1988. *The gender of the gift: problems with women and problems with society in Melanesia*. Berkeley: Univ. of California Press.
- STRATHERN, Marilyn. 1998. Novas formas econômicas: um relato das terras altas da Papua-Nova Guiné. **In** *Mana* 4 (1): 109-139. Rio de Janeiro, RJ.
- VAN DER HAMMEN, M. C. 1992. *El Manejo del Mundo. Naturaleza y Sociedad entre los Yakunas de la Amazonia Colombiana*. Bogotá: Tropenbos.
- VIERTLER, Renate Brigitte. 1988. *Ecologia Cultural: uma antropologia da mudança*. São Paulo. Ática.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. *A Inconstância da Alma Selvagem – e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.
- WEISS, G. 1975. *Campa Cosmology. The World of a Forest Tribe in South America*. New York: American Museum of Natural History.